

EDITORIAL

Os impressos no formato de revistas tiveram grande importância entre as publicações comerciais do mercado editorial brasileiro, congregando um expressivo número de leitores, motivados pelos conteúdos diversificados que publicavam: lazer, moda, grandes reportagens sobre as celebridades brasileiras e internacionais, destaques momentosos da cena nacional e internacional, tais como a política e seus grandes personagens e tensões, muito humor e a violência estampada em crimes polêmicos, além de informes sobre a vida doméstica e matérias dirigidas a mulher, claro que dentro de uma perspectiva conservadora, ao contexto do período histórico que vivíamos, isto é, as décadas de 1940 aos anos de 1970, para não recuarmos aos anos de 1920 e 1930, quando estas publicações se apresentavam estética e editorialmente ainda rudimentares, por causalidades tecnológicas e regras de controles sociais então vigentes.

Esse prólogo serve para dar uma ideia, a você que nos acompanha de forma *online*, o extraordinário esforço dos empreendimentos impressos de menor recursos e caráter científico, para sobreviver ao verdadeiro tsunami que representa em todos os setores de nossa vida, do mais íntimo do nosso viver privado, as redes sociais abertas onde cabem os fake news e artigos, teses acadêmicas, extratos de dissertações da maior qualidade, quer dizer, cabe tudo, até as manifestação mais abjetas dos humanos na inexorável Internet. O que se conserva para o leitor é a sensibilidade e critério para selecionar o que se apresenta aos seus olhos e aquilo que lhe chega às mãos na forma editorial clássica, ou seja, o papel com suas letrinhas e imagens saídas das moderníssimas impressoras atuais.

Muito embora revistas como O Cruzeiro, Realidade e Manchete (não casualmente já extintas), houvessem publicado grande e ótimas reportagens sobre o Nordeste, a cultura popular e dado uma enorme visualidade ao cangaço, com brilhantes matérias coetâneas aos acontecimentos históricos, em especial a morte de Lampião, Maria e mais nove cangaceiros em Angico, não temos conhecimento sobre nenhuma publicação acadêmica essencialmente dedicada ao Cangaço, sobressaindo nos seus editais a percepção de buscarmos novas arguições e hipóteses sobre essa tão polemizado movimento, mesmo decorrido 82 anos do epílogo trágico em Barra do Mendes, na Bahia, resultando na morte de Corisco e prisão de Dadá.

A “Cangaço em Revista” como o próprio nome sugere, em que pese ser um periódico nascido no ambiente da academia, procurou através dos seus escritos, selecionados por pareceristas intelectualmente preparados, transgredir – como as mulheres cangaceiras o fizeram no passado – para melhor dialogar com o todo social, mesmo que correndo riscos, por arrostar alguns princípios que regem a ordem dos periódicos pensados e circulantes no meio universitário. Desejamos a todos bom proveito em suas leituras.

Prof. Manoel Neto
Editor Chefe